

Apresentação

Introduction

José Guilherme Rodrigues da Silva

Estudos sobre a República Romana têm se tornado mais frequentes no Brasil.¹ O pesquisador que se propõe a explorar o período republicano romano, contudo, em relação ao pesquisador do Império Romano, depara-se com uma questão – entre várias – importante: em relação ao período imperial, as fontes para o republicano são muito menos abundantes.

Em sua maioria, as fontes históricas escritas durante a República e antes do século I a.C. estão preservadas em fragmentos, às vezes muito pequenos, de autores posteriores: obras históricas, gramáticas, biografias e epítomes. Os textos históricos que possuímos para o estudo da história do período republicano dependem, afora raros escritos médio-republicanos como, por exemplo, o de Políbio – cujas *Histórias* herdamos em estado fragmentário –, em grande parte, de historiadores do final da República, como Salústio, da passagem entre a República e o Império, como Tito Lívio, Diodoro Sículo e Dioniso de Halicarnasso, ou do período imperial, como Veleio Patérculo, Tácito, Apiano, Valério Máximo, Zósimo (em Dião Cássio), Floro e Eutrópio, por exemplo – lembrando que alguns desses autores escreveram epítomes de autores anteriores.² Quanto mais para o passado nos voltamos, mais temos que nos fundamentar em dados arqueológicos, numismáticos e epigráficos, muitas vezes escritos em latim arcaico.

Não nos esqueçamos das informações fundamentais coletadas por meio de outros autores, que não fazem parte do que Crawford (1992, p. 12) denominou de tradição histórica, como Plauto, Terêncio, Varrão, Cícero,³ Lucrécio, Horácio, Virgílio, Ovídio,

¹ Uma pesquisa rápida na página da Capes, na Internet, com a expressão “República Romana” mostra que em dez anos o número de dissertações e teses aumentou em mais de 30%.

² André e Hus (1974, p. 15) observam que a escrita da História, em Roma, torna-se um gênero literário apenas após a morte de Júlio César. Antes, para esses autores, a História era cantada em poemas épicos, como os de Névio e Ênio, nos escritos dos analistas ou em comentários, como os do próprio Júlio César. André e Hus (1974, p. 30-36) não consideram os “comentários” obras históricas porque, segundo eles, estão eivados de deformações em que os fatos estão de acordo com os interesses do autor.

³ Cícero, argumentam André e Hus (1974, p. 16-19), reclama para si a missão de escrever a História, mas não a executa. Porém, acreditava que, para se fazer a política, eram necessários certos conhecimentos, entre eles o do passado. Sua obra, conforme escreve Mendes (1988, p. 6), norteou os escritos de História romanos dos autores posteriores.

Cornélio Nepos, Lucano, Aulo Gélío, Quintiliano, Plutarco e Suetônio, apenas para citar alguns deles.

Essa variedade de fontes díspares no gênero e no tempo deve, contudo, ser tomada como um desafio. Mary Beard (2014, p. 13) nos convida a perceber que a quantidade de textos que temos do Mundo Antigo é espetacular, um volume de dados impossível de ser escrutinado pela maioria das pessoas, mesmo que tenham a vida inteira.

Escrever a História da República Romana, portanto, é tecer um arranjo composto por diferentes gêneros, provenientes de épocas distintas, e estruturar a partir deles novas histórias. Todavia, escrevendo História hoje, seja da Antiguidade ou de outro período, somos devedores e herdeiros da pesquisa erudita antiga. Não teríamos, por exemplo, nas palavras de Momigliano (2004, p. 18), histórias nacionais sem o modelo da historiografia nacional romana, “mais especificamente, sem o exemplo de Tito Lívio”. Momigliano vai mais longe: se hoje escrevemos História devemos esse hábito a Fábio Pictor, o primeiro historiador romano e criador de “um novo tipo de história nacional”, que escreveu sua história romana em grego entre 215 e 200 a.C.⁴ Fábio Pictor valeu-se dos princípios do método historiográfico grego e aprendeu a escrever história com os gregos, mas utilizou-se, além de fontes históricas gregas, de fontes romanas distintas: anais dos pontífices, tradições orais e documentos de família (MOMIGLIANO, 2004, p. 129-154).⁵ Políbio, autor da história de Roma mais antiga que possuímos com certa integridade, a história do domínio romano sobre o mundo habitado, utilizou-se da história romana de Fábio Pictor como uma de suas fontes para escrevê-la (WALBANK, 1990, p. 77-79).

Somos, então, herdeiros da historiografia romana republicana e, assim como fizeram os romanos, nos artigos aqui apresentados os autores constroem a História a partir de fontes de múltiplos gêneros: o discurso político, a filosofia, o poema, a numismática, a comédia e a própria narrativa historiográfica. No século XXI existe ainda muito a arguir dos textos antigos: é a tradição alimentando a inovação (BEARD, 2014, p. ix). O número de *Romanitas* que aqui apresentamos pretende ser uma contribuição para novos debates sobre o mundo romano na fase da República.

⁴ Expressar-se em grego era a única garantia de comunicação entre populações de línguas distintas no mundo helenizado, pois a língua helênica tornara-se o idioma comum do mundo mediterrâneo (MOMIGLIANO, 1993, p. 7-8; MOMIGLIANO, 2004, p. 143, 148-151). Momigliano (2004, p. 148-149, 154-155) afirma que Fábio Pictor escreveu em grego de maneira consciente, para apresentar aos gregos o “caso romano”, criando, ao mesmo tempo, um meio de “expressão da consciência nacional”, ou, possivelmente, deu sua contribuição para criar a “própria consciência nacional, tal como a entendemos”.

⁵ Fábio Pictor utilizou como fontes, ademais dos anais dos pontífices, das tradições orais e dos documentos de família, autores gregos que escreveram sobre a História de Roma, e Momigliano os cita: Helânico, no século V a.C., Timeu de Tauromênio e Diocles de Pepereto no século III a.C. Além desses, a ocupação de Roma pelos gauleses, no início do século IV a.C., havia sido notada por Teopompo, Heráclides Pôntico, Aristóteles e Teofrasto (MOMIGLIANO, 2004, p. 143-148).

Referências

- ANDRÉ, J.-M.; HUS, A. *L'Histoire à Rome: historiens et biographes dans la littérature latine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.
- BEARD, M. *Confronting the classics: traditions, adventures, and innovations*. Croydon: Profile Books, 2014.
- CRAWFORD, M. *The Roman Republic*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- MENDES, N. M. *Roma republicana*. São Paulo: Ática, 1988.
- MOMIGLIANO, A. *Alien wisdom: the limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004.
- WALBANK, F. W. *Polybius*. Berkeley: University of California Press, 1990.